

## DA SUPERFÍCIE

Luiz Manoel Lopes

Eu sou porque ela é  
Ela é porque eu sou  
Somos de graça  
A superfície está em branco  
Se com um gesto a toco,  
Eu sou tocado  
(Amílcar de Castro)

Quando dizemos que algo é superficial expressamos nossos preconceitos; a profundidade parece ser mais importante que a superfície, pelo menos é o que os nossos hábitos e julgamentos, acerca da vida, nos indicam. É comum alguém dizer: “que coisa profunda foi dita por fulano”. Tal exemplo, esclarece bem o que entendemos por superficial: nada mais do aquilo que é de pouca profundidade. O nosso contato com o mundo dá-se através das superfícies das coisas; nós estamos diante de nossa superfície como da superfície do mundo. Não somos tolos a ponto de esquecer que possuímos uma profundidade. O ponto de contato com a superfície do mundo, com as múltiplas superfícies que o constituem, dá-se onde o habitamos. Quando, por exemplo, escrevo, este texto, experimento um espetáculo de superfícies que se entrelaçam. O quiasma, do qual Merleau-Ponty nos fala, aparece como um fenômeno onde vários componentes mistu-

ram-se: o branco da folha de papel; o escorrer das letras sobre o liso; a tinta vermelha que tingem as letras; a sombra de minha mão vagando na tez do papel; a minha pele que sente a maciez da folha. Há uma composição durante este ato no qual ouço cantos fugidios de pássaros e o tictac do relógio. O pensamento e a linguagem entremeados em planos sem espessura. Talvez haja proximidade com aquilo que o escultor Amílcar de Castro nos apresenta em seu ato de criar. A folha de papel, sendo bi-dimensional, possui um elo com o material que ele nos fala:

É de chapa de ferro  
De chapa porque pretendo, partindo da superfície  
Mostrar o nascimento da terceira dimensão  
De ferro porque é necessário  
É natural de Minas, está ao alcance das mãos  
Todo mundo sabe trabalhar em ferro  
A superfície é domada – é partida e vai sendo dobrada  
É quando, e por fatalidade, o espaço se

integra, criando o não previsto  
 É pura surpresa  
 É como um gesto inesperado  
 Um gesto espontâneo  
 Espontâneo como se fosse o primeiro  
  
 Aquele que fundamenta a comunhão  
 com o futuro  
 A escultura que faço é uma pesquisa  
 de origem da própria escultura  
 Por isso é simples  
 descobre a força do que é original  
 Sol de muito tempo entre  
 noites dormindo acorda  
 ilumina e ascende  
 e é força e é fogo e é ferro  
 Verbo silêncio vivo.  
 Criador das montanhas  
 E fundador de um reino onde a  
 Palavra é inútil<sup>1</sup>

Na superfície a escultura e a escritura se entrelaçam; naquela, o nascimento da terceira dimensão; nesta, a germinação de múltiplas direções de tempo. A superfície vegetal da folha contrai a tinta, o tempo intensa e ritmicamente toca o leitor.

Quando nos embriagamos com um movimento de vento nas folhagens, com um gesto, experimentamos rápidos momentos de êxtase. A nossa percepção altera-se, sentimos vibrações inusitadas e começamos por indagar sobre a criação desses momentos fugazes. Há a criação desses momentos, mas não sabemos como foram criados. Os artistas conseguem transferir esses processos de criação

<sup>1</sup> Amílcar de Castro, *Depoimentos*, Belo Horizonte, Suplemento Literário 90, 2002.

para as superfícies mais estranhas libertando aquilo que estava aprisionado no fundo das coisas. Na folha de papel em branco, que começa por ser tingida, a superfície vibra permitindo que o leitor experimente várias dimensões de tempo. Há como que uma transmutação do espaço em tempo. O processo de libertação de algo que percorre a superfície, porém que não conseguimos ver, é uma maneira de tirar a nossa percepção da paralisia diante das coisas.

A superfície, a cortina, o tapete, o casaco eis onde o Cínico e o Estóico se instalam e aquilo de que se cercam. O duplo sentido da superfície, a continuidade do avesso e do direito substituem a altura e a profundidade. Nada atrás da cortina, salvo misturas inomináveis. Nada acima do tapete, salvo o céu vazio.<sup>2</sup>

O pensamento, em sua relação com a superfície, possui o sentido dos acontecimentos que envolvem as coisas. A filosofia – que possui como elemento o conceito – ganha a leveza dos efeitos flutuantes que insinuam-se no limites das coisas. Os conceitos não são adquiridos através de classificações das formas de coisas semelhantes, mas pela fina película que as envolvem. Quando a maçã cai, o cair acontece na superfície que a limita e expressa-se através da linguagem. O sentido, como a expressão do que acontece na superfí-

<sup>2</sup> Gilles Deleuze, *Lógica do Sentido*, tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes, São Paulo, Perspectiva, 1974, p.136

cie do mundo, não é um processo mental ou psicológico, nem uma propriedade objetiva das coisas. Não é preciso a tortura de retornar para a interioridade subjetiva: a vida acontece na superfície, “o mais profundo é a pele”.

O sentido aparece e atua na superfície, pelo menos se soubermos convenientemente, de maneira a formar letras de poeira ou como um vapor sobre o vidro que o dedo pode escrever<sup>3</sup>

A ressonância entre filosofia e escultura resulta no cântico à tênue camada que separa a vida em dentro e fora. O motivo maior deixa de ser o mergulho, nas regiões mais profundas, passando a ser o quase espesso.

Quando corto e dobro  
uma chapa de ferro

---

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*, p.136.

[ou somente corto]  
pretendo abrir  
um espaço  
ao amanhecer na matéria bruta  
É luz que vela e revela a  
comunhão do opaco com  
o espaço dos astros  
espaço  
que descobre o renascer  
redimindo a matéria pesada  
na intenção de voar.<sup>4</sup>

Na arte e na filosofia contemporânea experimentamos um esvaziamento; não mais o grave e pesado, mas sim a sutileza da superfície. Os acontecimentos ocorrem no vazio, preenchendo-o de novidades, fazendo-nos experimentar que viver consiste em criar novos modos de viver.

---

<sup>4</sup> Amílcar de Castro, *Corte e dobra*, Belo Horizonte, Suplemento Literário 90, 2002, p.12.